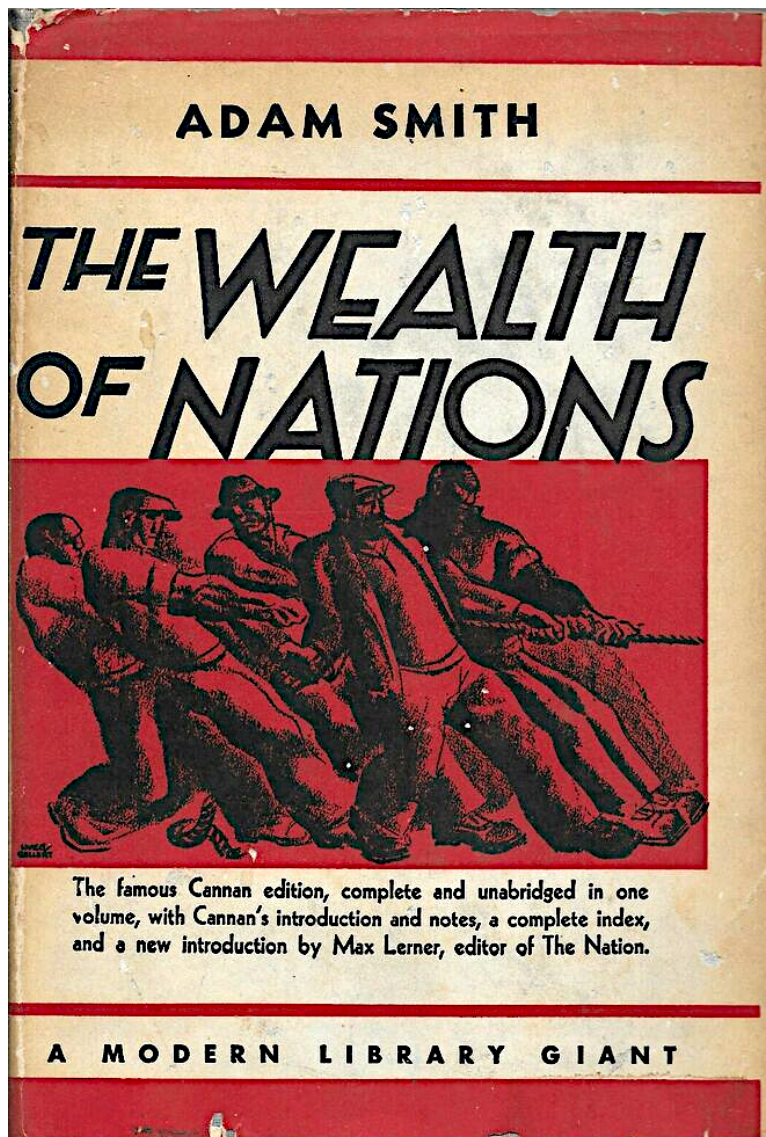


Introdução à “Riqueza das Nações” de Adam Smith



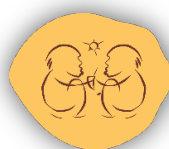
Max Lerner

Tradução de Pedro de Alcântara Figueira¹.



By Adam Smith. *The Wealth of Nations*. Published New York by Random House Inc., 1937.

Capa do Livro



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

<https://icgilbertoluizalves.com.br>

¹ Doutor em História pela UNESP, campus de Assis. Professor aposentado da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar.

Introdução “À Riqueza das Nações”

Como todos os grandes livros, a **Riqueza das Nações** é a manifestação não só de uma grande inteligência, mas também de toda uma época. O homem que o escreveu era detentor de muito conhecimento, sabedoria e escrevia muito bem. Tão importante quanto estes atributos era o fato de que ele possuía esses dons no momento em que se iniciava uma nova ciência e uma nova era na história da Europa. O que ele escreveu era a expressão de forças que estavam agindo, no momento mesmo em que ele escrevia, para moldar esta estranha e terrível espécie até então desconhecida - o *homo oeconomicus*, ou o homem econômico do mundo moderno. Uso este termo não no sentido daquela abstração sem vida que os teóricos da economia inventaram para assassinar qualquer proposta de mudança social, mas que acabou matando a eles próprios. Aplico-o, ao contrário, à figura viva e humana do homem de negócios, em cuja defesa os economistas escreveram e para cujos interesses forjaram aquela abstração sem vida. Todas as forças que contribuía, na Europa, para criar o homem de negócios e a sociedade que ele deveria dominar, estavam criando também as idéias e as instituições que serviriam de base para que Adam Smith escrevesse o seu livro. E este livro, por sua vez, tornou-se, a seu modo, uma poderosa influência capaz de promover a ação daquelas forças. É assim que acontece na história. Uma nova sociedade, ao sair de dentro da velha sociedade, cria o arcabouço no qual um grande pensador ou um grande artista é capaz de elaborar o seu trabalho. E este trabalho, por sua vez, serve para esmagar, uma vez por todas, a concha da velha sociedade e dar um firme acabamento aos contornos da nova sociedade. Este é o papel que coube ao **Príncipe de Maquiavel**, à **Riqueza das Nações** de Adam Smith e ao **Capital** de Karl Marx.

Esta é a razão pela qual os argumentos de todos os especialistas, que não esmorecem em suas tentativas de demonstrar a grande originalidade de Adam Smith, são totalmente fúteis. A rigor não se pode dizer que seja original um homem cuja grande inteligência resume toda uma época e é capaz de influenciar as massas e os acontecimentos futuros. Não há a menor dúvida de que a **Riqueza das Nações** é a obra que estabelece os fundamentos do pensamento econômico moderno. Apesar disso, é possível esmiuçá-la a ponto de descobrir não haver nela nada que não tenha sido escrito antes, e nada que, em boa parte, não tenha sido tratado posteriormente. O que importa, evidentemente, não é saber se tal ou qual doutrina foi, em algum tempo, uma completa novidade ou se ela resistiu aos efeitos devastadores do tempo. O que importa é a obra *como um todo* - o seu objetivo, concepção e realização, o espírito que a animou e o lugar que ela ocupou na história.

Enquanto tal, ela é um composto um tanto estranho, uma mistura de economia, filosofia, história, teoria política e um programa de ação. Este é um livro escrito por um homem de vasto saber e de um discernimento deveras arguto. Sua inteligência era como uma máquina analítica, capaz de selecionar o material a ser usado posteriormente, e uma poderosa máquina sintética, que combinava notavelmente todo o material selecionado de um

modo diferente. Smith estava atento aos mais diferentes elementos do mundo intelectual da sua época. Como Marx, ele não era um sábio de gabinete, apartado do mundo. Ele era todo antenas, sempre de olho no mundo e procurando absorver tudo o que encontrava a seu alcance. Escreveu o seu livro quando a Europa feudal estava em plena dissolução, ou seja, no início de um mundo moderno em que as velhas instituições feudais ainda se sustentavam com aquela obstinação que os interesses adquiridos sempre demonstraram. Foi contra estes interesses adquiridos que ele escreveu. E o resultado disto é que o seu livro não foi feito simplesmente para as prateleiras das estantes. Ele teve sucessivas edições e foi traduzido em quase todas as línguas. Os que o leram foram sobretudo aqueles que estavam em condições de tirar proveito da sua visão de mundo: a classe ascendente de negociantes, seus representantes nos parlamentos do mundo inteiro e seus representantes nas academias. Através deles, ele passou a gozar de enorme influência sobre os povos mais pobres do mundo inteiro, embora estes simplesmente ignorassem a existência daqueles. Através deles também, ele exerceu uma imensa influência sobre as idéias econômicas e sobre a política nacional. Poucos livros, como ele, moldaram a vida como nós a vivemos hoje em dia.

Quem era o homem que podia fazer tudo isto? À primeira vista, Adam Smith parece ser apenas um pacífico professor escocês de filosofia moral, modesto e distraído, um sábio tranqüilo, mas de cuja pena saíam bombas. Sua vida não representa nada de extraordinário, com exceção do fato de ter sido ele raptado aos três anos por um bando de ciganos e só com muita dificuldade devolvido à família. Mas o resto da sua vida não lhe reservou outra qualquer aventura senão a perigosa viagem do espírito. Viveu a sua infância, segundo os moldes tradicionais escoceses, no seio de uma modesta família. Em Oxford ele passou os anos de costume. Anos estes que serviram de base para as críticas mordazes que ele fez contra as universidades. Teve que esperar o momento exato para ser nomeado para um cargo na universidade. Foi nomeado professor de lógica e a seguir professor de filosofia moral em Glasgow, tendo lecionado teologia, ética, jurisprudência e economia política para estudantes que provavelmente estavam mais preocupados com a sua atividade enquanto classe mercantil em ascensão do que propriamente com filosofia moral. Escreveu um livro chamado **The Theory of Moral Sentiments**, que causou sensação à época, e, tendo explicado a psicologia social do comportamento humano em termos de sentimento de simpatia, este seu livro passou a ser muito discutido e lido nos círculos cultos de toda a Grã-Bretanha. Abandonou o seu cargo na universidade para servir como tutor do jovem Duque de Buccleugh, enteado do famoso carrasco colonial Charles Townshend, tendo passado, juntamente com ele, um ano e meio em Toulouse e um ano em Paris. Começou, durante a viagem, um tratado de economia, concluindo-o dez anos depois do seu retorno à Escócia. Publicou finalmente este seu tratado em 1776 com o título de **A Riqueza das Nações** e passou o resto da sua vida como diretor da alfândega de Edimburgo, vivendo tranqüilamente com a sua mãe e uma prima.

Esta é uma das versões a respeito da vida de Adam Smith, e, enquanto meia-verdade, ela é bastante verdadeira. Mas, para completar o quadro, nós precisamos da outra meia-

verdade. Adam Smith estava sempre atento ao que estava acontecendo no mundo. Ele era suficientemente heterodoxo para recordar com paixão a futilidade do ensino de então na universidade de Oxford. Embora lhe faltasse a eloquência, mesmo assim ele conseguia comunicar aos seus alunos o seu ardor pelas idéias. De suas lições de jurisprudência, o seu biógrafo, John Rae, nos conta que o seu curso "ensinava os jovens a pensar. As suas opiniões tornavam-se objeto de discussão por toda parte. Os assuntos por ele tratados se tornaram moda na cidade... bustos de gesso representando a sua figura começaram a aparecer nas janelas dos livreiros, e os sotaques peculiares à sua pronúncia começaram a ser simpaticamente imitados". A doutrina que ele ensinava era, sem qualquer dúvida, uma nova doutrina: a do liberalismo econômico e da eliminação de qualquer interferência governamental. A este último se conectavam tanto as vantagens da nova doutrina quanto os obstáculos que se lhe opunham. Ela teve que enfrentar a hostilidade dos direitos adquiridos e os aplausos dos que esperavam ganhar com o processo de inovação. O próprio Smith não era, de modo algum, um ermitão. A tutoria que lhe ofereceram era lucrativa e seu pedido de demissão da universidade não deixou de ser uma jogada. A evidência disto está em seu desejo incontido de investigar em todas as suas dimensões a nova sociedade européia. Era amigo de Hume e, na França, ele entrou em contato com Quesnay, Turgot, D'Alembert, Helvetius, ou seja, com os fisiocratas, que estavam criando uma nova e interessantíssima ciência econômica, e com os *philosophes* (iluministas) que estavam construindo com os materiais da vida racional os instrumentos capazes de pôr por terra os entulhos das velhas instituições irracionais. Smith tinha os olhos abertos e seus ouvidos atentos; suas anotações eram mantidas em dia; ele sabia bem o que devia fazer. Ele começou a redigir as suas lições sobre economia política do mesmo modo como anteriormente redigira as suas lições sobre filosofia moral. Mas não se tratava da mesma coisa. Não se tratava simplesmente de remontar aos primeiros princípios e a partir daí ir desfiando o resto como por inferência lógica. Alguma coisa despontava que dava ordem e sentido ao novo mundo do comércio e ao novo mundo da indústria. Havia algo que podia ser usado na luta contra os vestígios informes e os obstáculos antepostos por uma sociedade governada por uma aristocracia feudal. Smith vacilou na antevisão do problema, mas não podia deixar de comunicar aos seus amigos a agitação que o assaltava. Também eles vacilaram, e esperaram. Smith precisou ainda de dez anos. O melhor era não apressá-lo a realizar a sua tarefa. Havia muito ainda para ler e observar. Ele se entregou totalmente à leitura de velhos livros e à observação das novas fábricas. Fez longas incursões na história da cunhagem da prata, na economia das instituições eclesiásticas e em toda a história cultural da Europa. Tinha que burilar o estilo, mas, ainda mais importante do que isso, cabia-lhe a tarefa de moldar e dar um acabamento coerente a uma concepção das coisas, ou seja, uma visão econômica vigorosa. Antes de mais nada, ele tinha que evitar fazer do seu livro uma construção puramente teórica, pois ele deveria tratar das questões candentes da política econômica internacional daquele momento. Uma vez terminado, o que resultou era mais do que simplesmente um livro. Era a

súmula da nova consciência européia.

Encontrareis uma explicação dos princípios básicos que Smith corporificou em seu livro em todas as histórias do pensamento econômico. O que nelas não encontrareis é a habilidade, a magia e a grandeza com as quais ele urdiu a trama dos seus capítulos. Os princípios são simples. Em primeiro lugar, Smith pressupõe que o primeiro móvel psicológico do homem enquanto ser econômico é o egoísmo. Em segundo lugar, ele supõe a existência de uma ordem natural no universo, a qual faz com que todos os esforços individuais movidos pelo egoísmo contribuam para o bem social. Finalmente, ele conclui, a partir destes postulados, que a melhor coisa a se fazer é deixar o processo econômico totalmente livre. Esta proposição ficou conhecida como *laissez-faire*, liberalismo econômico ou não-intervencionismo.

Hoje em dia tudo isto é bastante familiar. Foi, em boa medida por intermédio do livro de Smith, que tudo isto se tornou uma parcela frequentemente inconsciente de nossas crenças, as quais começam agora a serem desalojadas. A respeito do primeiro postulado de Smith, é necessário dizer que, embora sendo uma abstração da experiência, como gostam de assinalar os economistas acadêmicos, a experiência a partir da qual aquele postulado é abstraído comprova-o sobejamente. A visão que faz do homem um autômato econômico é obviamente uma simplificação exagerada. Mas a concepção que faz dele um ser obstinado e predador do seu próprio ganho justifica-se plenamente quando lançamos os olhos sobre a história da empresa comercial. O que aprendemos, naturalmente, é que esta sua característica não é algo universal ou inerente ao homem, mas faz parte de um modo histórico de organização da vida econômica. No tocante ao segundo postulado de Smith, segundo o qual existe uma "ordem natural", que diz que cada indivíduo contribui de modo mais perfeito para o bem social quanto mais ele persegue o seu próprio interesse, - tal postulado deve ficar fora do reino da ciência ou da verificação histórica, e deve ser considerado apenas como um princípio fundamental das crenças daquela época. Como assinalou Carl Becker, a "ordem natural", que os filósofos do século XVIII postulam, a fim de melhor poder combater as instituições eclesiásticas e o obscurantismo político de então, acabou convertendo-se numa crença quase teológica e em fonte de obscurantismo.

É bastante simples a conclusão que Smith tirou desses postulados. Já que existe uma ordem natural segundo a qual o egoísmo esclarecido de todos os homens contribui para o bem maior da sociedade, e já que existe uma "mão divina" que faz com que cada homem contribua para o bem-estar social ao mesmo tempo que busca o proveito próprio, disto decorre que o governo é supérfluo, a não ser para preservar a ordem e desempenhar as funções de rotina. O melhor governo é o que menos governa. A melhor política econômica é aquela que nasce da atividade espontânea e desembaraçada dos indivíduos. Identificamos aí, naturalmente, a economia capitalista individualista e sem regulamentações, aquilo que Carlyle cognominou de um modo inesquecível de "anarquia mais o policial".

Uma advertência se faz necessária. Não é porque o sistema teórico de Smith pode ser apresentado numa ordem que vai dos postulados para a conclusão, que devemos concluir que ele chegou ao seu sistema nesta mesma sequência. É muito mais provável, como aliás acontece com quase todas as construções teóricas, que, ao invés de o seu programa derivar de seus princípios, são estes que derivam do seu programa. Ele não partiu de verdades sobre a conduta humana para chegar ao liberalismo econômico. John Maurice Clark sugere que o seu sistema pode ser melhor entendido se considerarmos aquilo contra o que ele lutava. E é certo que o sistema teórico de Smith tomou a forma que tem em função da sua intensa reação contra o aparato de controles que os resquícios das instituições feudais e mercantilistas impunham ainda ao indivíduo. A necessidade de eliminar tais controles constituía a sua temática fundamental. E foi a reação que esta temática encontrou junto às classes de comerciantes e industriais da Europa que permitiu à **Riqueza das Nações** ter este enorme impacto sobre o pensamento e sobre as instituições ocidentais. Em seu **Rise of Liberalism**, Harold Laski demonstrou como os argumentos de Smith ajustavam-se plenamente às inclinações dominantes da burguesia europeia. Os comerciantes não cabiam em si de satisfação. "Ter os seus anseios elevados à dignidade de lei natural significava munir-lhes de uma força impetuosa que nunca fora antes tão poderosa... Com Adam Smith os princípios da empresa privada adquiriram foros de teologia".

Mas existe um outro lado da moeda. Smith era, na verdade, um mercenário inconsciente a serviço de uma classe capitalista em ascensão na Europa. É bem verdade que ele deu uma nova dignidade à cobiça e uma nova santificação aos impulsos predatórios. É verdade que ele racionalizou de tal modo os interesses econômicos da classe que estava ascendendo ao poder, que ele talhou para esta classe uma armadura de idéias com as quais ela procura ainda se proteger contra os assaltos das regulamentações estatais e contra as tendências à socialização. É bem verdade que o individualismo econômico de Smith está atualmente sendo usado para oprimir, ali mesmo onde ele era usado para liberar, e que agora defende o velho, ali mesmo onde ele abriu caminho para o novo. É bom que se diga, em defesa de Adam Smith, que a sua doutrina foi deturpada de um modo que ele não teria aprovado e usada para finalidades e causas que lhe teriam provocado espanto.

Adam Smith foi, em sua época e à sua maneira, algo assim como um revolucionário. Sua doutrina revolucionou a sociedade europeia do mesmo modo como, mais tarde, a de Marx. Ele foi, em termos econômicos, o filósofo da revolução capitalista, assim como John Locke foi o seu filósofo em termos da ciência política. Suas simpatias pessoais não estavam inteiramente com os capitalistas. Em seu **House of Adam Smith**, Eli Ginzberg salientou como permeia a **Riqueza das Nações** uma tendência favorável aos aprendizes, aos trabalhadores, aos agricultores, aos humildes e oprimidos do mundo inteiro, e uma hostilidade para com as companhias de comércio, para com os magnatas de então e para com os membros da igreja e aristocratas. Leiam o seu livro atentos a tais passagens, e verão como ele se transforma num documento revelador do interesse de Smith pelo homem comum. Muito mais importante,

naturalmente, do que quaisquer destas manifestações de simpatia mais ou menos sentimentais, é a doutrina do valor-trabalho que está no centro mesmo da economia de Smith. Ao estabelecer, pela primeira vez, a doutrina segundo a qual o trabalho é a fonte única do valor das mercadorias, Smith se tornou o precursor de Bray e Hodgskin, e, posteriormente, de Marx. Por ser o primeiro, Smith desenvolveu esta doutrina de um modo tosco. Coube a Marx poli-la, convertê-la num instrumento de análise e extrair dela as implicações revolucionárias que lhe eram inerentes desde o início. Isto, no entanto, nos distancia do nosso assunto. Existe uma bibliografia extensa e polêmica sobre a teoria do valor-trabalho de Smith. Existe uma bibliografia ainda mais extensa e polêmica sobre a validade ou confusão desta mesma teoria.

Quanto a nós, o que nos cabe aqui é mostrar o curioso paradoxo da posição de Smith na história. O que é paradoxal é que ele construiu o seu sistema teórico com a finalidade de varrer os obstáculos institucionais que vinham do passado e, com isto, possibilitar um grau maior de liberdade econômica, como também uma riqueza global maior, para o povo de um determinado país. Mas, não obstante isso, a sua doutrina acabou resultando na glorificação da irresponsabilidade econômica e no entrincheiramento da burguesia no poder. A leitura da obra de Smith e o estudo do papel que ele representou na história das idéias, por certo seriam um dos melhores dissolventes para a presunção e o absolutismo intelectual.

(Curitiba, PR, 13 de Novembro de 1991).



<https://icgilbertoluizalves.com.br>